

COMUNICAÇÃO

Bento Munhoz da Rocha Netto e a sua interpretação das Américas

Communication

Bento Munhoz da Rocha Netto and his interpretation of the Americas

Maria Julieta Weber Cordova*

Introdução

Este estudo permeia a trajetória do intelectual e político paranaense Bento Munhoz da Rocha Netto (1905-1973). Dando continuidade aos estudos desenvolvidos na tese¹ (CORDOVA, 2009), a pesquisa aqui apresentada trata da análise da produção do intelectual no que diz respeito às obras **Uma interpretação das Américas** e **Mensagem da América**.

Uma interpretação das Américas foi publicada em 1948, com 273 páginas, pela Livraria José Olympio. Apresenta em seu índice a discussão dos seguintes itens: “América, uma criação europeia”; “América, continuação europeia”; “Democracia”; e “Americanismo”. Dentre as referências citadas na bibliografia ao final do livro, ressaltam-se os nomes do filósofo francês Jacques Maritain e de Alceu Amoroso Lima, como referencial aos princípios cristãos abordados no decorrer da obra. Para a análise histórica, no que concerne ao estudo das Américas, citam-se o historiador brasileiro Pedro Calmon, o argentino Ricardo Levene e o estadunidense James Truslow Adams. Também são referenciadas obras de outros pensadores, e no que tange à formação brasileira figuram nomes de pensadores como Gilberto Freyre e Nina Rodrigues.

Mensagem da América foi publicada em 1962, com 162 páginas, pela Imprensa da Universidade do Paraná. Ainda que em menor em número de páginas, é uma obra mais extensa no que se refere ao número de itens e subitens que a compõe. Pode ser

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora dos Programas de Pós-graduação em História e Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Recebido em abril de 2017 | Aprovado em junho de 2017.

¹ CORDOVA, Maria Julieta Weber. **Tinguís, pioneiros e adventícios na mancha loira do sul do Brasil**: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. 2009. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Curitiba, 2009.

considerada como uma continuação ao debate de alcance nacional empreendido por aquela publicação de 1948, pela Livraria José Olympio.

Há que se considerar, certamente, o contexto em que as obras foram publicadas. Em 1948, período de contornos democratizantes no país, tendo em vista a experiência centralizadora e autoritária que havia sido empreendida pelo Estado Novo (1937-1945) e pelo teor da Constituição de 1937, Bento Munhoz já havia atuado como Deputado Federal Constituinte em 1946 e trazia consigo a expectativa de uma vida política que vinha se alicerçando juntamente com a sua atuação acadêmica.

Já em 1962, o contexto esteve demarcado pela instabilidade política deflagrada no governo de João Goulart e Bento Munhoz encontrava-se no cargo de Deputado Federal (1959-1963), vivenciando anteriormente significativas experiências políticas no cargo de Governador do Paraná (1951-1954) e de Ministro da Agricultura (1954-1955). A diversidade e o aprofundamento dos itens que compõem a obra podem ser considerados pelo próprio amadurecimento do intelectual ao longo de sua vida, tanto no meio político como acadêmico.

A partir dessas obras, foi possível traçar um perfil do intelectual, político e professor de História da América e de Sociologia, trazendo abordagens sobre a América enquanto criação e continuação europeia, panamericanismo, colonialismo, bem como alguns embates entre cristianismo e marxismo inseridos no que Bento Munhoz compreendia como condição humana e vocação do ocidente.

A América enquanto criação e continuação europeia

Para Bento Munhoz, a América, tanto como criação, como continuação europeia, perpassava necessariamente pelo seguinte sentido:

É impossível sentir os problemas americanos sem a filiação da América à Europa, sem compreender a continuidade que representamos, neste continente, no meio de condições tão diversas, dos padrões culturais europeus. A América é o que é, pela moldagem européia, pela profunda penetração dos estilos de vida europeus (ROCHA NETTO, 1948, p. 5).

Em relação às possíveis linhas de pensamento contrárias ao entendimento da América como criação e continuação europeia, a quem Bento Munhoz denominava de “americanistas”, assim ressaltava:

Querem muitos americanistas, empolgados por um espírito infatigável, que a nossa cultura seja americana e só americana, o que é um dos muitos desentendimentos trazidos pela palavra cultura, tomada em acepções nitidamente diferentes, ora com uma compreensão mais ampla ou mais restrita, ora tendo o seu conceito coincidindo com o de civilização, ora divergindo dele e até se lhe antepondo (ROCHA NETTO, 1948, p. 5).

A crítica de Bento Munhoz aos chamados americanistas ancorava-se no entendimento de uma “continuidade histórica” e de um “desdobramento cultural” a partir do que entendia por “fontes européias”. A cultura na América enquanto desdobramento europeu fundamentaria o próprio conceito de civilização em terras americanas:

O que se pretende ao afirmar e desejar que a nossa cultura seja americana – e aí muitas vezes se restringe a sua acepção ao seu lado intelectual, literário e artístico – é que sejamos nós mesmos, que afirmemos a nossa personalidade, aceitando sem recêios as imposições da terra e do homem. É, numa palavra, a vontade e a consciência de que podemos criar, de que devemos e podemos ter um caráter próprio, um sinal que seja só nosso. Nada mais justo do que essa aspiração, mas também, nada mais frágil do que querer separar esse, como qualquer outro aspecto da cultura, das suas fontes européias de tão largas capacidades de adaptação e de tão definidas disposições de incluir ambientes e psicologias ao seu mundo, fontes a que estamos presos por uma continuidade histórica e por um desdobramento cultural (ROCHA NETTO, 1948, p. 5-6).

Essa forma elogiosa das capacidades de adaptação europeias, não somente amenizava a prisão indicada no texto pela continuidade histórica, como evidenciava uma perspectiva civilizatória evolucionista, tanto no que se refere ao clima e à paisagem, como aos próprios sistemas americanos de organização social e política, que corresponderiam à determinada “fase de vida e evolução do velho continente”:

[...] Ainda se atribui à primavera um sentido nitidamente europeu, em nações de clima quente. Ainda, em áreas cuja natureza é permanentemente verde, o espírito de ficção dá à primavera as suas expressões de renascimento de vida, equiparando-a literariamente ao seu significado europeu de contraste com o longo amortecimento e a longa espera dos invernos de neve. E em paisagens humanas já suficientemente americanas e adultas para encontrarem em si mesmas a solução de muitos dos seus problemas, obedecendo às suas feições particulares, procura-se, constantemente aplicar sistemas de organização social e política que julgamos caracteristicamente europeus, mas que o são, apenas, de uma fase da vida e evolução do velho continente, pelas quais, precisamente, nos separamos dêle (ROCHA NETTO, 1948, p. 6).

Na busca por referendar o que compreendia por “reconhecimento do predomínio europeu das nossas raízes culturais”, Bento Munhoz contrapunha-se ao que indicava como “resistência” dos americanistas naquilo que exaltava enquanto

[...] um dos maiores empecilhos que dificultam a compreensão exata dos valores culturais europeus, é a sua denominação lembrando o continente colonizador, contra cujos laços de dependência política a América se levantou. Mas em vez de cultura européia, se falar em cultura ou civilização ocidental, já as resistências não são tão acesas, já compreendemos melhor que estamos verdadeiramente incluídos nela. Essa questão de denominação, de batismos, de dar nomes à uma idéia, complica-se quando se indaga da sua etimologia, associando-se ao nome um sentido ou uma significação materiais (ROCHA NETTO, 1948, p. 8).

De forma bastante contundente, Bento não somente compreendia o ideal colonizador, mas apreciava o que sintetizou como “sentido local à aclimação européia”, descartando, inclusive, a necessidade de contato com outras culturas, como a indígena e a africana na missão colonizadora que se estabeleceu na América:

Não foi, é evidente, a cultura européia, concepção de alto grau de abstração, a que veio para a América, mas sim uma determinada cultura européia, como a espanhola, a portuguesa, a inglesa, a francesa, continuando aqui as mesmas diferenciações de lá. E vencendo em toda a linha, dando o caráter da América, moldando-a com seu espírito. E para enriquecer-se de novos padrões, nem precisaria ter havido a aculturação com o contacto das culturas indígenas e mais tarde com as africanas. Bastava simplesmente a terra virgem para que novos elementos culturais se enxertassem, dando um sentido local à aclimação européia (ROCHA NETTO, 1948, p. 9-10).

Ao elogio às raízes européias, fundia-se, no pensamento de Bento Munhoz, a cultura luso-brasileira. Ao referenciar-se em Gilberto Freyre, apontou para esta última como uma “expressão típica da acomodação a novos ambientes e valores”. E, paradoxalmente, ressaltava que o próprio nativismo encontraria fonte de inspiração emancipadora no ideal europeu:

Respeitando as diversidades e fomentando-as, foi o espírito europeu que, num notável paradoxo, mais concorreu para o movimento da emancipação política, para o rompimento dos nossos laços de dependência, para destruir na América o caráter de colônia [...] A formação européia que nos penetrou intimamente, tornando-nos herdeiros e continuadores do seu espírito, inspirou a emancipação política da América que, se fosse mais americana, mais ameríndia do que européia, continuaria provavelmente a sua vida colonial (ROCHA NETTO, 1948, p. 10-11).

Como explicação ao paradoxo apontado, Bento Munhoz, ainda que num tom extremamente elogioso da cultura europeia em detrimento dos movimentos e revoltas ocorridas em solo americano ao longo dos séculos de dominação colonizadora, acaba por indicar elementos de cristalização de posições políticas de alguns dos movimentos vitoriosos de independência, como o caso da própria independência brasileira, especialmente quando cita a europeização dos nativos:

Os nativos se europeizaram, apropriando-se do senso europeu de autonomia, assimilando as tendências européias a não ser dominado, ou – tratando-se de nativos de pura ascendência européia – conservaram essas características do continente colonizador, aproveitando-as para benefício da nova terra, que era, afinal, benefício próprio (ROCHA NETTO, 1948, p. 10).

Apontou, ainda, para a ineficiência dos movimentos de emancipação política que não se pautaram pelos princípios de europeização, citando a Jamaica e generalizando para movimentos “em quase toda a África e em varias regiões da Ásia”. Em contraponto, elogiou a independência dos Estados Unidos da América pela “continuidade dos mesmos característicos europeus, nos americanos”.

No entanto, ainda que o processo de independência nos Estados Unidos da América tenha sido motivo de idealização conceitual do europeu, Bento Munhoz empreendeu esforços redobrados para dar coerência e sustentação em seu discurso no que certamente foi a espinha dorsal de seu pensamento ao que apontou como “fator religioso”:

Em todo o ocidente, dificilmente se encontrarão duas estruturas mentais mais afastadas entre si do que um norte-americano, de ascendência inglesa, nórdico, protestante, congregacionista, e um latino americano, de origem mediterrânea, católico-romano. Representam êles duas diversas personalidades de base, de nossa civilização. São tipos psicológicos distanciados, Mas pertencem ambos ao mundo de nossas mútuas compreensões (ROCHA NETTO, 1962, p. 60).

É nessa direção que Bento Munhoz fundamentou o que entendia como necessária “edificação de uma civilização”, tendo por base princípios cristãos e que estariam radicalmente em oposição ao marxismo. E entre os dois tipos psicológicos apontados, haveria um modelo de negação do marxismo, que seria o norte-americano, de ascendência inglesa, nórdico, ainda que majoritariamente protestante:

De todos os grandes países de nossa civilização, talvez sejam os Estados Unidos a nação mais bem credenciada para estruturar a grande negação do marxismo quanto à luta de classes e às leis pretensamente inflexíveis em que se prevê a extinção do capitalismo (ROCHA NETTO, 1962, p. 60).

Cristianismo e marxismo são, portanto, temas recorrentes nas argumentações de Bento Munhoz, apresentando muitos elementos de embate teórico em seus estudos sobre as Américas.

Embates entre cristianismo e marxismo

Para Bento Munhoz “a supremacia da cultura europeia sobre todas as outras” estaria no seu “universalismo de inspiração cristã”. Foram muitas as argumentações do intelectual no que se refere à formação cultural da latinidade no ocidente, seja na cultura luso-brasileira, na hispânica ou na anglo-saxã.

Entendendo o panamericanismo, ou interamericanismo, a partir do que explicita como uma “grande família americana”, ainda que aponte como uma “irmandade desigual”, assim atribuía o “segredo do panamericanismo”:

Cultura anglo-saxônica e cultura hispânica ou ibérica, ou ainda mais ampliando os seus limites, cultura anglo-saxônica e cultura latina, dois pólos da rica civilização européia, são, em seus tentáculos e na sua mútua compreensão, o segredo do panamericanismo e do seu futuro. Mais do que convivência entre nações, panamericanismo significa convivência entre essas duas culturas, entre êsses dois mundos, com que o espírito europeu marcou, para sempre, a invenção de Colombo (ROCHA NETTO, 1962, p. 58).

Nessa explanação, apontava para a desigualdade, utilizando o que compreendia como uma linha evolutiva do panamericanismo:

De qualquer forma, o mal estar do sub-desenvolvimento em várias regiões da América, atinge níveis iguais a de países em que a técnica européia demora em penetrar, porque certos juízos de valor o impedem, enquanto, entre nós, pela inspiração européia, é pronta a receptividade a tôdas as técnicas. O mal estar do sub-desenvolvimento é um cravo na evolução do panamericanismo, pedindo compreensão de seus líderes. Muito já se tem feito, como pesquisas, indagações e planejamentos. Mas é preciso ir à frente. É preciso operar uma verdadeira triagem entre o ruído intencionalmente produzido, e a dura realidade que nenhuma retórica, nenhuma explicação pode encobrir (ROCHA NETTO, 1962, p. 66).

Imbuído de um espírito de universalidade e de busca em atingir objetivamente níveis de superação do que conceitua como sub-desenvolvimento na América, Bento Munhoz não somente defendeu o cristianismo como solução, inclusive, para o fortalecimento do panamericanismo, mas apontou o que concebia como “deformações” nesse percurso de edificação de uma sociedade americana, sendo o marxismo uma das deformações apontadas.

A filosofia tomista seria então o ponto nevrálgico para a edificação social almejada. Jacques Maritain é citado como um dos pilares da perspectiva cristã, com ênfase ao catolicismo:

Como filósofo e filósofo tomista, acentuando a atualidade do doutor angélico e da filosofia perene, hoje mais do que nunca colocada no centro do pensamento universal, pelo seu contraste essencial com o marxismo impressionantemente divulgado [...] Maritain, por seu trabalho de grande receptividade na América ao sul do Rio Grande, latina e católica, está realizando obra de aproximação mais intensa do que quantas organizações e congressos tenham funcionado com a finalidade de criar a unidade espiritual dos países americanos (ROCHA NETTO, 1962, p. 21-22).

Ressaltando o catolicismo² como elemento de integração entre as Américas, Bento incansavelmente cita os Estados Unidos da América como ponto de partida nas análises a que se detém. Referencia a recepção a Jacques Maritain neste país, indicando essa receptividade norte-americana como um “promissor sintoma de compreensão ecumênica”:

Essa receptividade tem, no fundo, a explicação da tolerância dos fortes. Porque são fortes bastante para conviver sem perigo e sem temor com quantos se inspiram noutras fontes e se definem por outros critérios de valor. Mas reflete uma etapa de alta importância na evolução norte-americana (ROCHA NETTO, 1962, p. 22).

Partindo desse pressuposto progressivo e evolutivo compreende-se a estreita relação na produção de Bento Munhoz entre os Estados Unidos da América e o marxismo, ao firmar a argumentação de que o papel norte-americano seria o de consolidação de um grande pilar de negação marxista, já que para o intelectual, “os Estados-Unidos acentuam o genuíno panorama social que é a competição dentro das classes” (ROCHA NETTO, 1962, p. 72).

O ponto fulcral de desconstrução conceitual marxista seria, para Bento Munhoz, a discussão de classe. De forma bastante incisiva, critica o que denomina de esquerdistas, enfatizando que os elementos competitivos típicos de uma sociedade capitalista, não necessariamente “se definem por limites fatalmente fixados”, nem tampouco impediriam a convivência “sem hostilidade”. Mas seria a consciência de classe o fator que incitaria a divisão das sociedades:

² Ressalte-se que o pensamento católico romano no Brasil é incorporado e reproduzido por elites intelectuais a partir de posturas conservadoras incidindo, inclusive, no próprio ideário de formação cultural e política brasileira. Para tanto, citam-se as influências não somente do Concílio Vaticano II (1962-1965), mas de um passado colonial e imperial repleto de elementos de consolidação dos princípios de universalização da doutrina católica desde o Concílio de Trento (1545-1563) e o Concílio Vaticano I (1869-1870), seja por meio de ações mais efetivas de evangelização e doutrinação, seja por meio da veiculação de pensamentos ultramontanos que, no Brasil, seriam consolidados especialmente a partir das últimas décadas do século XIX.

Não é hoje a classe que divide as sociedades. A classe sempre existiu em qualquer tempo, ainda nas sociedades de grande hierarquia e integração. A consciência de classe é que divide, separa e afasta, jogando homens contra homens e grupos contra grupos. Elevam-se bandeiras que marcam, decididamente, divisões de interpretação e concepção de vida. Muita tinta e muito papel se gastaram para definir conceito de classe à moda do marxismo [...] Gritam êsses esquerdistas, clamam sem cessar, esbravejam, gesticulam, numa aparente reivindicação que beneficie os desprotegidos, os marginais, os desajustados, os explorados, os desamparados que, no sentido dêles, formam o proletariado (ROCHA NETTO, 1962, p. 22).

A crítica ao marxismo encontrava sentido nos discursos de Bento Munhoz pelo modelo norte-americano, dando consistência à sua interpretação das Américas. Dessa forma, a sociedade americana poderia encontrar seu próprio caminho a partir das raízes européias, negando as possibilidades de concretizações marxistas, evidenciando-se, em seu discurso, uma naturalização do ideal capitalista norte-americano no que tange à mobilidade social e à propagação da igualdade de oportunidade para todos:

Pretendem os líderes esquerdistas que as diversidades sociais, mais e mais, se acentuem, para poder haver no futuro, a solução desejada e longamente preparada, violenta e revolucionária. Ora, os estados-Unidos plantaram no continente americano, uma civilização de mobilidade social e de oportunidade para todos, em que se diluem as desejadas e alimentadas separações de classe. As fronteiras entre as classes perdem, nêsse tipo de civilização, os seus contornos. Qualquer um as transpõe. Qualquer um se transfere, se promove socialmente, se alça na escala de prestígios por todos consagrada. Operários se transformam em capitães de indústria. Camponeses, mas camponeses em nossa versão e não na européia, conquistam a posição de grandes produtores agrícolas. Tornam-se seus respectivos campos de ação, reis de qualquer coisa, como no Brasil e em muitos países americanos (ROCHA NETTO, 1962, p. 72).

Interpretando as Américas como criação e continuação europeia, Bento encontraria fundamentação argumentativa no passado de raízes européias, indicativo de um devir histórico pelo que conceitua como “vocaçào do ocidente” pelo “universalismo”. A “condição humana” encontraria realização pelo que denominava de “redenção cristã”, já que “o Ocidente, para manter fidelidade à sua vocação, tem de responder ao desafio contemporâneo da opção religiosa” (ROCHA NETTO, 1962, p. 105).

Algumas considerações

Ao tematizar uma interpretação das Américas por Bento Munhoz da Rocha Netto, foi possível perceber a relevância das abordagens realizadas pelo intelectual, tanto no contexto de publicação das duas obras estudadas, como no contexto da história

recente. O que denominou de “fator religioso” e as críticas contundentes ao marxismo, constituem-se em pauta de discussão atual, seja no meio educacional, seja no meio político.

Considerou-se que justamente por estar investido de uma linguagem autorizada (BOURDIEU, 1996), dada a posição social ocupada (OLIVEIRA, 2001), o alcance discursivo de Bento Munhoz materializou-se na publicação de suas obras, o que corresponde a uma forma eficaz de divulgação de seu pensamento. No entanto, sua própria trajetória intelectual, alicerçada pelo meio político e fundamentada no seio da academia, já é um indicativo de que a difusão desse pensamento certamente encontrou ampla recepção, evidenciado, conforme Pierre Bourdieu, pelo acesso aos instrumentos legítimos de expressão, tendo em conta a sua atuação, no que se refere à análise temática em questão, como professor catedrático de História da América, na Universidade Federal do Paraná.

A relevância da temática da interpretação das Américas reside em apreender em que medida tais raízes idealizadas encontraram caminhos de sustentação que ainda perduram em projetos recentes. Bento Munhoz expressa, epistemologicamente, o pensamento de intelectuais que, desde meados do século XX, atuaram efusivamente para a consolidação de ideais europeus em terras americanas. Firmando-se pela perspectiva evolutiva e difundindo princípios de manutenção da ordem instituída, teorizou abordagens de cunho sociológico e histórico, que primavam por uma escrita oficial, legítima.³

³ É fundamental frisar diferenciadas possibilidades em se perspectivar o pensamento intelectual no estudo sobre as Américas. A bibliografia dessa temática é bastante vasta e complexa. Por ora, ressaltam-se as trajetórias do venezuelano Simon Bolívar (1783-1830), do cubano José Martí (1853-1895), do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), do colombiano José María Vargas (1860-1933) e do brasileiro Manoel Bomfim (1868-1932), que se constituem em algumas das referências essenciais para se compreender o processo de construção identitária americana ou do que se pautava por América Espanhola, Hispanoamérica, Iberoamérica e América Latina, levando-se em conta, certamente, o contexto histórico e intelectual de tais formulações conceituais. Acrescente-se, ainda, que representantes como Bento Munhoz da Rocha Netto, no Brasil de meados do século XX, assim como a chamada “Geração de 37” na Argentina do oitocentos, com destaque para Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi e Domingos Faustino Sarmiento, respaldavam-se em torno do ideário de civilização europeia e/ou norte-americana, o que repercutiria certamente nas suas próprias concepções acerca dos conceitos de nacionalidade e democracia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. **Tinguís, pioneiros e adventícios na mancha loira do sul do Brasil: o discurso regional de formação social e histórica paranaense**. 2009. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Curitiba, 2009.

OLIVEIRA, R. C. **O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Uma interpretação das Américas**. São Paulo: Livraria José Olympio, 1948.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Mensagem da América**. Curitiba: Imprensa da Universidade do Paraná, 1962.